

## **TRABALHO E ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE ACERCA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA APOSENTADORIA**

Jéssyca de Lacerda Araújo  
Raquel Pereira Belo  
José Walter Rego Resende  
(UFPI – Universidade Federal do Piauí, Parnaíba-PI)

### **Resumo**

Esta pesquisa buscou conhecer a representação social acerca da aposentadoria para trabalhadores ativos e aposentados. A amostra foi composta por 40 trabalhadores ativos e 20 respondentes aposentados. Os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada e a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). A análise dos dados foi realizada por meio da Técnica da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011), a fim de analisar os repertórios produzidos pelos respondentes nas questões da entrevista e da TALP. Os resultados demonstraram elaborações a respeito da vivência da aposentadoria para ambos os respondentes que, de modo geral, apresentaram uma representação congruente acerca deste fenômeno.

*Palavras-chave:* Aposentadoria; Envelhecimento; Representação Social.

### **Abstract**

#### **Work and aging in contemporary times: An analysis about the social representation of retirement**

This research sought to meet the social representation about retirement to active and retired workers. The sample was composed of 40 active workers and 20 respondents retirees. The participants had access to informed consent. We used a semi-structured interview and the technique of free association of Words (TALP). Data analysis was performed by means of the technique of content Analysis proposed by Bardin (2011) in order to analyze the repertoires produced by respondents in questions of the interview and the TALP. The results showed elaborations concerning the retirement experience for both respondents who, in General, showed a consistent representation of this phenomenon.

*Key words:* Retirement; Aging; Social Representation.

### **Introdução**

Conforme Bendassolli (2011) na atualidade, o trabalho passou a ser visto

como uma possibilidade tanto de inserção econômica e social quanto de subjetivação e de processos identitários. Assim, o mesmo passou a suprir, além das necessidades básicas, as necessidades de *status* e reconhecimento social, de modo a ser uma referência para a construção da autoimagem do indivíduo.

Neste sentido, surge a demanda de se pensar a relação entre o envelhecimento e o trabalho, especialmente, em virtude do aumento significativo que vem ocorrendo no mundo da população situada nessa faixa-etária. De tal modo, destaca-se que o envelhecimento pode ser entendido a partir de várias perspectivas, tais como a *biológica/comportamentalista*, a *economicista*, a *sociocultural* e a *transdisciplinar* (Siqueira, Botelho & Coelho, 2002). Esta pesquisa se encontra apoiada na perspectiva transdisciplinar, visto que, parte da ideia que o envelhecimento pode ser melhor entendido quando contextualizado em seu cenário sociocultural e econômico sem, contudo, desmerecer o forte caráter biológico envolvido neste processo.

Papalia, Olds e Feldman (2006) apontam que a classificação mais significativa para as pessoas idosas corresponde à classificação por idade funcional que, se refere à “[...] quão bem uma pessoa funciona em um ambiente

físico e social em comparação com outras da mesma idade cronológica” (p. 667). Logo, percebe-se que envelhecimento se constitui em um processo biológico marcado pelo declínio da vitalidade do corpo humano, no entanto, ele não se apresenta da mesma forma para todas as pessoas, pois, recebe influência de fatores ambientais, culturais, econômicos, comunitários e familiares e, com isso, nota-se a importância de compreender os vários atravessamentos envolvidos neste momento da vida.

Destaca-se ainda que, atualmente, um termo comum usado para retratar essa fase da vida é a Terceira Idade que, de acordo com, Siqueira e outros (2002) diz respeito a uma construção contemporânea livre de conotações depreciativas e que, de modo geral, refere-se àqueles idosos que estão na faixa dos 55 aos 70 anos e que possuem boa saúde e tempo livre para o lazer e novas experiências. Entretanto, destaca-se que no Brasil, considera-se uma pessoa idosa a partir dos 60 anos de idade (Estatuto do Idoso, 2010).

Neste sentido, o presente estudo buscou promover reflexões sobre o envelhecimento e seus atravessamentos pensando a relação entre o trabalho e o envelhecimento, tomando como base a aposentadoria. Desta maneira, esperou-se investigar a relação entre trabalho e

envelhecimento a partir da análise da Representação Social acerca da aposentadoria na cidade de Parnaíba-PI.

### **Representação Social**

A sociedade se constitui enquanto uma constante construção, no qual ocorrem as trocas simbólicas entre os indivíduos e grupos sociais. Dessa forma, percebe-se que é, justamente, neste cenário que as Representações Sociais se inserem como um meio de tornar algo familiar, trazendo para o campo das relações interpessoais o novo, de modo a permitir que conhecimentos sejam compartilhados, manipulados e resignificados.

Destaca-se então, que o interesse da Psicologia Social pelas Representações Sociais nasce na década de 1950, em meio a um longo debate sobre a psicanálise que, por sua vez, repercutiu na imprensa e adentrou no tecido social. Este cenário despertou o interesse do psicólogo social francês Serge Moscovici que, em 1961, publicou um trabalho sobre a apropriação da psicanálise por diferentes grupos sociais, que recebeu o título de *Psychanalyse: son image et son public*, construído a partir de duas questões: 1) como é apropriada, transformada e utilizada uma teoria científica pelo homem comum e 2) como se constrói um mundo

significante.

Desta forma, evidencia-se que foi neste contexto que Moscovici propôs a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1961 citado por Vala, 2004).

Para Moscovici, o conceito de Representação Social diz respeito a uma produção de sentido comum a todas as sociedades, criada a partir da comunicação interindividual sendo alimentadas tanto por teorias científicas quanto por eixos culturais, ideologias, experiências e comunicações cotidianas (Vala, 2004). Moscovici partiu do conceito de Representação Coletiva de Durkheim. Para o sociólogo o conceito de representação vai se desvinculando da experiência individual de apreensão das coisas para, então, ser pensada a partir da relação com o seu objeto: a representação é vista como um fenômeno inscrito na história, nas relações materiais e na vida social. Contudo, para Moscovici a representação se torna ainda mais complexa, pois, ora retorna ao sujeito, ora reafirma o plano objetivo e ora se filia à via da intersubjetividade, em que ambos os aspectos se fazem presente, com maior ou menor ênfase.

Nesta dinâmica evidenciam-se dois processos sócio cognitivos: a *objetivação* e a *ancoragem*. Conforme Moscovici (2009), o processo de *objetivação* é responsável

por produzir Representações Sociais, podendo ser entendido como a descoberta da qualidade de uma ideia e a reprodução de um conceito em imagem, colaborando para que ocorra uma concretização de uma abstração típica do pensamento e da fala. O processo de *ancorar* estaria relacionado a uma denominação e classificação de alguma coisa, uma vez que tal coisa não apresenta nome e nem é classificação, sendo considerada como desconhecida, inexistente e ao mesmo tempo arriscada, o que ocasiona uma resistência, logo, é possível compreender o motivo da resistência diante de uma pessoa ou coisa que não se consegue avaliar ou descrever e na tentativa de superar a possível resistência, dar-se-lhe nome e a categoriza, o que consiste no processo de *ancoragem*.

Em relação às funções das Representações Sociais, percebe-se que, de modo geral, a sua função diz respeito à atribuição de sentido ou à organização significativa do real, diante disso, nota-se que as Representações Sociais são usadas na explicação dos comportamentos e das relações sociais, já que, boa parte dos comportamentos humanos é decorrente de suas representações, pois, tais representações repercutem nos modos desejáveis de ação bem como permitem dar sentido e justificar os comportamentos (Vala, 2004).

Moscovici (2009) pontua que as Representações Sociais também se encontram ligadas aos fenômenos de diferenciação social em uma relação recíproca, ou seja, as diferenças entre os grupos sociais contribuem para a especificidade das suas representações. Quanto à relação entre as Representações Sociais e a comunicação, Vala (2004) evidencia sua função comunicativa, visto que, as Representações Sociais possuem um papel central na orientação de atividades avaliativas e explicativas que se referem aos atos de comunicação que, por sua vez, envolve o debate e a discussão no interior e entre grupos, ao invés de ser apenas um compartilhamento de consensos.

### **Trabalho: Uma Construção Sócio-Histórica**

Ao abordar a temática do trabalho, nota-se a necessidade de se fazer uma distinção entre três atividades humanas fundamentais (labor, trabalho, ação) denominadas por Arendt (2008, citado por, Kubo & Gouvêa, 2012) pela expressão *vita activa*, já que, muitas vezes estes termos são usados como sinônimos. Sendo assim, para este autor o *labor* diz respeito ao metabolismo e desenvolvimento do ser-humano durante o percurso de sua vida

envolvendo todo o seu processo biológico, ao passo que o *trabalho* seria uma “parte artificial da vida humana”, pois, produz um mundo não natural que transcende as vidas individuais e, por fim, a *ação* estaria ligada a ideia de atividade política, já que, se apresenta como condição para a existência de toda vida política.

A partir disso, percebe-se que estas atividades se inter cruzam, de modo, a contribuir para o desenvolvimento da vida em sociedade, uma vez que, envolvem diversos aspectos da vida do sujeito bem como o modo do mesmo se posicionar no mundo, já que, atribui-se ao trabalho um papel regulador da vida em sociedade, pois, além de servir como um instrumento de mediação das relações humanas, ele também diz do homem na sociedade, por meio, inclusive da atual lógica econômica pautada no capitalismo e no neoliberalismo.

Ribeiro e Léda (2004) apontam que o termo trabalho é originado do latim *tripalium*, que significa ferramenta de tortura, feita de três paus aguçados com as pontas de ferro. Dessa forma, assim como o seu sentido original, o trabalho, por um período grande de tempo, foi significado como sendo algo negativo, sinônimo de sacrifício e tortura. Ramos (2009) pontua que na sociedade pré-letrada a concepção de trabalho era pautada na produção de

subsistência, na qual não se concebe a ideia de lucro, assim, o processo de produção e criação é orientado pelo costume e pela tradição e se volta, apenas, para satisfazer as necessidades básicas.

Já na Antiguidade, o trabalho recebeu um significado negativo, sendo visto como algo degradante e desprezível, comum a atividades ligadas aos escravos. Contudo, na Idade Média, o trabalho adquire um novo sentido, um valor ascético, pois, já não legitimava a ideia de uma atividade que corrompe a alma e o corpo, sendo o trabalho agora necessário para o indivíduo se manter no grupo social, no entanto, ainda não passava por aperfeiçoamento: neste momento histórico, a posição e função do indivíduo na sociedade eram designadas por uma vontade divina e, dessa forma, o trabalho não era visto como um meio de ascensão social.

Porém, com o advento do Renascimento, inicia-se uma ordem social baseada na calculabilidade dos atos humanos e na objetividade racional e o trabalho, por sua vez, assume um caráter mais desenvolvimentista, surge aqui, a força do trabalho, o comércio, mercadoria, contabilidade, especulação, objetividade racional, lucro e também a exploração do trabalho, iniciando um processo de racionalização da vida humana. Entretanto,

a partir do início da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, ocorreu uma importante transformação no mundo do trabalho nas sociedades ocidentais, na qual houve um intenso êxodo rural para as cidades urbanas em busca de melhores condições de vida. Assim, de acordo com Merlo e Lapis (2007), a Revolução Industrial trouxe o desenvolvimento de inovações tecnológicas, organização do trabalho e da produção, qualificação profissional e estratégias de dominação sobre os trabalhadores, assim como os sindicatos trabalhistas.

No século XX as leis trabalhistas estruturaram as relações de trabalho, além disso, a partir dos anos 1960, a descolonização dos países africanos e o desenvolvimento das economias de Terceiro Mundo resultaram em significativas mudanças sociais e econômicas. Já na década de 1980 os países socialistas entraram em crise e os capitalistas adotaram políticas econômicas de livre mercado (Baiocchi & Magalhães, 2004). Por conseguinte, esses conjuntos de características provocaram mudanças no cenário do trabalho, no qual ocorreram transformações socioeconômicas nas sociedades derivadas das inovações tecnológicas e, conseqüentemente, a consolidação da base do capitalismo. Assim, observa-se que o significado do

trabalho foi sendo construído socialmente, até conquistar um papel regulador e central na vida em sociedade, uma vez que, o trabalho passou a demandar grande parte do tempo diário do indivíduo. Em decorrência disso, Severiano (2001) pontua que o capitalismo proporcionou na chamada sociedade moderna transformações culturais, econômicas, políticas e também na própria identidade do indivíduo.

No que tange a Contemporaneidade ou Pós-modernidade, essa atual fase consiste em um processo de transição oriundo de diversas crises, notadamente as de caráter social, político, tecnológico e econômico ocorridas no final do século passado, especialmente, a partir dos anos de 1970 que, por sua vez, repercutiu nas estruturas mais concretas de organização da sociedade e nas próprias dimensões subjetivas, isto é, tanto nos modos de ser dos sujeitos quanto em suas formas de agir na sociedade (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007).

### **Envelhecimento**

Compreende-se o significado do envelhecimento como uma construção social fruto do diálogo entre ser - humano e sociedade, sendo este engendrado por vários atravessamentos, sejam eles de

caráter social, econômico, cultural e biológico. Nesta lógica, o envelhecimento passa a ser entendido a partir do contexto no qual o indivíduo se insere e de como o mesmo repercute na maneira, através da qual, ele se percebe e é percebido pela sociedade.

Contudo, como bem pontuam Siqueira e outros. (2002) esta não é a única perspectiva de análise acerca do envelhecimento, na verdade, os autores apontam à existência de diferentes maneiras de se olhar e conceituar a velhice: a Perspectiva *biológica/comportamentalista* voltada para o envelhecimento fisiológico, especialmente, no que diz respeito ao processo de declínio físico oriundos de fenômenos degenerativos naturais do organismo, entretanto, além desses aspectos fisiológicos, esta perspectiva também analisa as mudanças no perfil populacional e no modo como o Estado e as políticas de saúde pública reagem ou deveriam reagir junto ao fenômeno em questão; a perspectiva *economicista* direcionada aos impactos econômicos do envelhecimento populacional, especialmente, no que tange ao lugar do idoso na estrutura social produtiva com o olhar direcionado para a ruptura do indivíduo com o mercado de trabalho, isto é, especialmente, no que diz respeito à

aposentadoria: aqui os idosos são apresentados como cidadãos que devem lutar por seus direitos assegurados por lei e, frente a isso, o envelhecimento deixa de ser o fim da vida social e passa a ser outra forma de ação social, já que, o trabalho deixou de ser um mediador entre o aposentado e a sociedade; a *sociocultural* que compreende o envelhecimento como uma construção social e reflete acerca da representação social do envelhecimento, partindo do pressuposto de que as funções atribuídas a cada idade com relação ao trabalho são feitas pela cultura e sociedade de forma dinâmica e mutável; a *transdisciplinar* que busca compreender o envelhecimento de forma mais ampla, de modo, a tentar englobar os aspectos de ordem biológica, econômica e sociocultural.

Já para França, Menezes, Bendassolli e Macedo (2013), o envelhecimento consiste em um evento sofisticado resultante da diminuição da natalidade e do aumento do número de idosos, de modo a provocar mudanças significativas na estrutura etária da população. Acerca disto, destaca-se que a população mundial está envelhecendo, de acordo com Who (1998, citado por Papalia et al., 2006) a expectativa de vida da população mundial aumentou 37% desde 1955, de 48 para 66 anos, e em 2025 se

espera chegar aos 73 anos de idade. Isso se deve, especialmente, ao crescimento econômico, ao aumento no suprimento de alimento, acesso a instalações sanitárias e água potável, além disso, destaca-se o declínio nas taxas de mortalidade, novos tratamentos para muitas doenças anteriormente fatais, uma população com maior nível de instrução e mais consciente acerca de sua saúde. Além disso, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (2009) e do Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA (2012) (citado por França e outros, 2013) a queda na taxa de natalidade, que vem ocorrendo nos últimos anos, contribuiu de forma significativa para a reconfiguração da pirâmide etária. Torna-se válido destacar que, apesar destes dados absolutos, há uma variação elevada com relação a diferentes regiões do mundo e diferentes etnias, denotando a influência da renda financeira, da educação, do estilo de vida, o gênero e, possivelmente, de aspectos genéticos (Papalia e outros, 2006).

Assim, diante dos dados levantados acerca do envelhecimento populacional e de seu reflexo na sociedade e nas ações do Estado, nota-se a relevância de entender tal processo de um ponto de vista biológico e social, de modo, a buscar compreender como o significado do envelhecimento está se construindo. Teixeira e Guariento

(2010) apontam que, apesar, do envelhecimento biológico poder ser entendido como sinônimo de senescência, ambos possuem diferenças. Diante disso, evidencia-se que o primeiro diz respeito a um processo iniciado no nascimento e que perdura por toda a vida até a morte, ao passo, que o segundo expressa mudanças relacionadas à passagem do tempo e que acarretam efeitos deletérios no organismo como, por exemplo, impactos negativos nas capacidades funcionais do indivíduo.

Destaca-se ainda que o envelhecimento possui um grande impacto econômico, especialmente, no que tange à proporção de pessoas saudáveis e fisicamente aptas em relação às pessoas que demandam maior atenção e cuidado, entretanto, a atual tendência é animadora pois, há um aumento não só da expectativa de vida quanto também da longevidade, isto é, as pessoas estão vivendo mais e melhor.

Quanto ao significado do envelhecimento, sob uma ótica sociocultural, Papalia e outros (2006) pontua que o mesmo é fortemente influenciado pela cultura, logo, em algumas partes do mundo, o envelhecimento possui uma conotação positiva, estando fortemente ligado a sabedoria, como por exemplo, no Japão. No entanto, no contexto ocidental este



processo é visto, na maioria das vezes, como algo indesejável: sob este olhar, o significado do envelhecimento se encontra atrelado a vários estigmas sociais, tais como a perda da beleza, da força de trabalho e da sanidade, levando a uma Representação Social negativa acerca do idoso.

No contexto nacional, Freitas e Ferreira (2013), por meio de uma pesquisa apoiada na perspectiva psicossocial, investigaram a Representação Social da velhice e da pessoa idosa sob o olhar de adolescentes e concluíram que os adolescentes representam tais questões a partir dos aspectos físicos, psicológicos e sociais, além de levantar aspectos positivos e negativos referente à velhice. O referido estudo corrobora a percepção de Papalia e outros (2006) a cerca da mudança de olhar sobre a velhice, apontando aspectos positivos referentes a este momento da vida, apesar de ainda haver uma forte ligação entre a velhice e os aspectos negativos. Contudo, ressalta-se que há a necessidade de pensar criticamente o contexto macrossocial no qual o indivíduo está inserido, especialmente, no que diz respeito à ideologia dominante, uma vez que, nas sociedades capitalistas, a funcionalidade, a produtividade e a eficiência do corpo se sobressaem e na velhice o indivíduo passa a não mais

oferecer a mesma força de trabalho (Freitas & Ferreira, 2013).

Diante desta problemática, a partir da Representação Social sobre a aposentadoria para trabalhadores ativos e aposentados na cidade de Parnaíba-PI, esta pesquisa buscou investigar como vem se construindo o significado do envelhecimento no referido contexto social.

## **Método**

### ***Participantes***

O presente estudo foi realizado com 40 trabalhadores ativos com idade igual ou superior a 18 anos e 20 aposentados. De natureza não-probabilística intencional, a amostra se caracterizou por selecionar dois subgrupos da população que possam ser considerados representativos da população referente ao universo e tema estudados (Gil, 2008).

Sendo assim, a Tabela 1 faz referência aos dados sócio-demográficos tanto dos respondentes ativos no mercado de trabalho quanto dos participantes aposentados, como pode ser visto abaixo:

*Tabela 1. Dados sócio-demográficos*

<b>Aposentados</b>		
<b>Variáveis</b>	<b>Níveis</b>	<b>Frequência</b>
Sexo	Masculino	14
	Feminino	6
Idade	51-60 anos	5
	61-70 anos	8
	71-80 anos	6
	81-86 anos	1
Estado civil	Casado/Convivente	12
	Solteiro	2
	Viúvo	3
	Separado/Divorciado	2
Grau de instrução escolar	Analfabeto	1
	Primário completo	3
	Primário incompleto	3
	Fundamental completo	4
	Fundamental incompleto	1
	Médio completo	3
	Médio incompleto	2
	Superior completo	3
Tempo como aposentado	01 mês – 10anos	14
	11-20 anos	2
	21-30 anos	2
	31-39 anos	1
	Não sabe	1
Causas para a aposentadoria	Invalidez	9
	Idade	8
	Idade e Tempo de Contribuição	2
	Tempo de serviço	1
Atividade exercida no momento da aposentadoria	Lavrador	3
	Construtor civil	2
	Supervisor de limpeza	1
	Advogado	1
	Inspetor de colégio	1
	Serviços gerais	1
	Refinador de óleo de babaçu	1
	Auxiliar de serviços religiosos	1
	Operador de máquinas	1
	Vigilante	1
	Pescador	1
	Empregada doméstica	1
	Marinheiro	1
Não respondeu	5	

**Trabalhadores ativos no mercado de trabalho**

<b>Variáveis</b>	<b>Níveis</b>	<b>Frequência</b>
Sexo	Masculino	22
	Feminino	18
Idade	18-30 anos	12
	31-40 anos	9
	41-50 anos	8
	51-60 anos	8
	61-66 anos	3
Estado civil	Casado/Convivente	14
	Solteiro	20
	Viúvo	2
	Separado/Divorciado	4
Grau de instrução escolar	Analfabeto	2
	Primário completo	5
	Primário incompleto	3
	Fundamental completo	3
	Fundamental incompleto	8
	Médio completo	12
	Médio incompleto	5
	Superior completo	2
Profissão	Vendedor	4
	Empregada doméstica	4
	Ambulante	3
	Cuidadora	1
	Funileiro	1
	Pintor	1
	Gari	1
	Artesão	1
	Frentista	1
	Lavrador	1
	Serviços gerais	1
	Assistente técnico	1
	Autônomo	1
	Operador de caixa	1
	Leiturista	1
	Professor	1
	Auxiliar de enfermagem	1
	Funcionário público	1
	Taxista	1
	Costureira	1
Caseira	1	
Pescador	1	
Diarista	1	
Não respondeu	9	

### ***Procedimento e instrumentos***

A pesquisa foi realizada em locais públicos da cidade de Parnaíba. Os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi formulado em acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Todos os respondentes que concordaram em, livremente, participar da pesquisa assinaram o TCLE, além disso, foi assegurado o anonimato aos participantes. Também, pontua-se que para os participantes que se encontram ativos no mercado de trabalho foi realizada a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), ao passo que para a amostra formada pelos aposentados foi realizada, além da TALP, uma entrevista semi-estruturada. Ademais, destaca-se que o questionário sócio- demográfico foi feito com todos os respondentes. O estudo seguiu as normas e procedimentos éticos conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, fazendo-se uso: 1) da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), 2) questionário sócio demográfico na busca por traçar o perfil dos participantes, além

de um 3) roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas para a coleta dos dados.

### ***Análise dos dados***

Os discursos dos respondentes foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temática proposta por Bardin (2011), cuja finalidade é obter descrição do conteúdo das mensagens por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, descobrindo os “núcleos de sentido”: conjunto formado por categorizações realizadas de acordo com as semelhanças quanto aos sentidos da fala dos respondentes que, por sua vez, compõem a comunicação, cuja presença e aparição frequente podem significar algo para o objetivo analítico escolhido.

### **Resultados**

A coleta de dados se deu através de uma entrevista semiestruturada e uma questão estímulo trabalhada por meio da Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP realizada com os entrevistados aposentados. Para os respondentes que se encontram ativos no mercado de trabalho foi utilizada apenas a TALP. Todos os dados coletados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo

Temático proposta por Bardin (2011). Foi possível, através das falas dos respondentes, categorizar os resultados, obtendo-se um total de dois conjuntos de palavras referentes a TALP e cinco eixos temáticos oriundos do discurso dos aposentados.

No que diz respeito aos conteúdos apresentados na Tabela 2 – referente à TALP realizada com os trabalhadores ativos, pode-se perceber que a partir da

questão estímulo: *O que lhe vem à mente quando você pensa na vivência da aposentadoria?* A categoria *Renda* foi a mais expressiva. Além disso, a segunda categoria aponta uma *Visão Positiva* acerca da vivência da aposentadoria, ao passo que, a terceira categoria traz uma *Visão Negativa*. A vivência da aposentadoria também foi relacionada à *Rotina* e a questões relativas à *Saúde*.

**Tabela 2. Percepção dos trabalhadores ativos acerca da vivência da aposentadoria**

<b>Categorias</b>	<b>Frequências</b>
<b>I. Renda</b>	
I.1. Salário baixo	6
I.2. Suprir as necessidades	4
I.3. Ajuda financeira/um ganho amais	3
I.4. É um direito (garantia da aposentadoria) *relacionado à renda	2
I.5. Pagar o INSS	2
<b>II. Visão Positiva</b>	
II.1.Descanso/repouso	8
II.2.Sossego	6
II.3.Curtir	4
II.4.Boa	4
<b>III. Visão Negativa</b>	
III.1.Cansaço/fadiga	2
III.2.Sobrevivência	2
III.3.Ociosidade	2
III.4. “Piora a vida”	1
<b>IV.Rotina</b>	
IV.1. Ficar em casa/cuidar da casa	4
IV.2. Deixar de trabalhar	4
IV.3. Continuar trabalhando	2

Com relação à TALP realizada com os respondentes aposentados, construída, também, por meio da questão estímulo: *O*

*que lhe vem à mente quando você pensa na vivência da aposentadoria?* Os aposentados expressaram aspectos

correlacionais aos indivíduos que continuam ativos no mercado de trabalho. Dessa forma, a categoria *Renda* também foi a mais expressiva, trazendo à tona, novamente, a aposentadoria como

sinônimo de salário. Também foram mencionadas tanto uma *Visão Positiva* quanto uma *Visão Negativa* a respeito da vivência da aposentadoria. Como pode ser visto na Tabela 3 que se segue.

**Tabela 3. Percepção dos aposentados acerca da vivência da aposentadoria**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I.Renda	
I.1. Aposentadoria pouca (salário)	7
I.2. Salário mínimo	3
I.3. “Já serve” (R\$) / ajuda (R\$)	3
I.4. Redução de salário	1
II. Visão Positiva	
II.1.Boa	4
II.2.Alegria	1
III. Visão Negativa	
III.1.Ruim	2
III.2. Despesa alta	1
IV. Problemas de Saúde	
IV.1.Doença	3
IV.2. Cuidados médicos	1
V.Rotina	
V.1. Ficar em casa	2
V.2. Cuidar da roça	1
VI.2.Descanso	1

No que tange ao roteiro de entrevista semiestruturada, foram evocadas cinco questões, com o intuito de entender como os aposentados estão vivenciando a aposentadoria, além do modo, através do qual, a mesma está repercutindo na vida dessas pessoas. Sendo assim, com relação à *Questão 1 (Poderia falar a respeito do*

*que o trabalho representava para você?)*, buscou-se investigar a representação do trabalho para os aposentados em relação ao momento que se encontravam trabalhando. As respostas evocadas mencionaram aspectos relacionados a uma *Visão Positiva* acerca do trabalho, ao mesmo tempo em que, parte dos respondentes

atribuiu ao trabalho uma conotação relacionada ao fator econômico, como pode ser visto na segunda categoria *Aspecto Financeiro*. Além disso, também foram evocados questões relativas às

*Organização do Tempo e Saúde*. A Tabela 4 apresenta os referidos resultados.

**Tabela 4. Representação do trabalho**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I. Visão Positiva	
I.1. Bom/ótimo	6
I.2. Tudo	3
I.3. Terapêutico	2
I.4. Digno	2
I.5. Gostava de trabalhar	2
II. Aspecto Financeiro	
II.1. Sustento	3
II.2. Aposentado por salário mínimo é pouco	2
II.3. Renda	1
III. Organização do tempo	
III.1. "Não fica em casa"	1
III.2. Realização de várias atividades	1

Já no que concerne a *Questão 2* (*Atualmente, qual a sua visão sobre o trabalho/o trabalhar/trabalhar?*) percebe-se que para a maior parte dos participantes a categoria mais significativa foi a *Visão*

*do trabalho*, na qual pôde-se observar que o trabalho é visto, predominantemente, como sendo *Bom, Tudo, Dignificante e Indispensável*. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 5, abaixo.

**Tabela 5. Visão atual sobre o trabalho**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I. Visão do trabalho	
I.1. Bom	4
I.1.1. Renda extra	2
I.2. Tudo	1
I.2.1. Divertimento	1
I.2.2. Encorajamento para a vida	1
I.3. Dignificante	2
II. Não condizente	2

II.1. Descrição da rotina de trabalho	1
II.2. Atuante no mercado de trabalho	1

De acordo com a *Questão 03 (Caso não estivesse aposentado poderia continuar exercendo as atividades exigidas/existentes em seu emprego/trabalho? Poderia comentar o porquê?)*, a categoria *Não* foi a mais frequente, especialmente, em virtude dos *Problemas de saúde* apontados. Além dos *problemas de saúde*, pontuou-se também a

*Idade* e os aspectos relativos à *Característica da atividade*. Por outro lado, a parcela dos aposentados que disseram *Sim*, isto é, que poderiam continuar exercendo a atividade laboral, ressaltou, principalmente, aspectos relativos às *Condições de saúde* e a própria *Necessidade*. Como se pode observar abaixo, na Tabela 6.

**Tabela 6. Possibilidade ou impossibilidade de continuar exercendo o trabalho**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I.Não	10
<b>I.1. Problemas de saúde</b>	6
I.1.1. Problemas de visão	2
I.1.2. Paralisia facial	1
<b>I.2. Idade</b>	1
I.2.1. Esforço impossível	1
I.3. Característica da atividade	
I.3.1. Violência nas escolas	1
II.Sim	7
<b>II.1. Condições de saúde</b>	3
II.1.1.Físicas	1
II.1.2.Mentais	1
<b>II.2. Necessidade</b>	2
II.3.Coragem	1
II.4. Rotina de trabalho mais leve	1
III. Não condizente	2
III.1.Taxista	2
III.2. Dificuldades atuais	1

Quanto à *Questão 4 (A aposentadoria causou mudanças em sua vida? Poderia comentar quais?)* os respondentes apontaram que *Sim*, sendo essas mudanças, em sua



maioria, positivas, como pode ser visto na subcategoria *Mudanças Positivas*, entretanto, para uma parcela dos respondentes essas mudanças foram *negativas Mudanças Negativas*, como pode ser evidenciado na Tabela 7.

**Tabela 7. Mudanças oriundas da aposentadoria**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I. Sim	
<b>I.1. Mudanças Positivas</b>	
I.1.1. Aumento da renda	3
I.1.2. Cuidar da casa/família	2
<b>I.2. Mudanças Negativas</b>	
I.2.1. Diminuição da renda	3
I.2.2. Acomodação	2
<b>I.3.Outros</b>	4
II. Não	4
II.1. Apenas uma ajuda	1

No que tange *Questão 5* (*Como você caracteriza essa atual fase da sua vida?*), os respondentes, em sua maioria, comentaram que essa fase da vida é *Boa*, contudo, para uma parcela dos aposentados esse momento da vida se encontra

permeado por *Problemas de saúde*, além disso, a terceira categoria expressa uma percepção negativa com relação a esse momento, sendo o mesmo tido como *Ruim*. Como pode ser visto na Tabela 8 que se segue.

**Tabela 8. Atual fase da vida**

<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>
I. Boa	6
I.1. Tranquila	3
I.2. Paz de espírito	2
I.3. Melhor momento da vida	2
I.4. Saúde	1
II. Problemas de saúde	2
II.1. Permanente	2
II.2. Diabetes	1
II.3. Pressão alta	1
III. Ruim	3
III.1. Esperando a hora de ir embora (morte)	1
III.2. Conformado	1

IV. Bom e ruim	2
----------------	---

### Discussão

De modo geral, os resultados obtidos permitiram analisar o significado da aposentadoria tanto para trabalhadores ativos no mercado de trabalho como para os próprios aposentados, além de buscar entender, para os aposentados, os aspectos envolvidos na vivência da aposentadoria e do envelhecimento. Também foi possível visualizar o modo como os respondentes que já se encontram aposentados percebem essa ruptura com o trabalho assim como o atual momento em que estão vivendo e, conseqüentemente, apontam questões referentes à sua perspectiva futura de vida, de modo a propiciar a compreensão de aspectos relativos ao seu bem-estar, saúde, qualidade de vida e a forma como representam a aposentadoria.

No que concerne esse caráter financeiro da aposentadoria, o mesmo é compreendido, por parte dos respondentes, como sendo uma remuneração pouca/baixa, entretanto, mesmo assim serve para suprir as necessidades de subsistência e trazer certa estabilidade, pois é um salário mensal: *“mal remunerado, só um salário mínimo, quando está velho precisa de medicamentos e cuidados especiais”*.

Assim, destaca-se que o próprio vínculo criado entre o sujeito e o trabalho interfere no modo de perceber a aposentadoria, já que, para alguns indivíduos a aposentadoria representa uma diminuição no salário, ao passo que para outros a aposentadoria chega como um momento marcado por certa estabilidade, uma vez que, agora, o mesmo se torna possuidor de uma renda mensal fixa refletindo que a aposentadoria é um momento para *“deixar de trabalhar, viver do dinheiro do governo, cuidar da casa”* ou *“é tipo uma ajuda para sobrevivência, é bom, é uma ajuda financeira, é aquela coisa certa (todos os meses)”*. Daí percebe-se que a representação social da aposentadoria demonstra influência da situação socioeconômica na qual o sujeito está inserido.

Ficou visível também a identificação da aposentadoria como um direito do cidadão o que, por sua vez, faz-se necessária a contribuição por parte do trabalhador com o Estado: é necessário pagar o INSS para que esse direito seja efetivamente garantido. Diante disso, observa-se que, ao que concerne as regras para obtenção da aposentadoria, os trabalhadores estão familiarizados com a legislação brasileira, indo em acordo com a

percepção de Siqueira e outros(2002) de que os idosos são apresentados enquanto cidadãos que devem lutar por seus direitos, apresentando também uma nova forma de inserção social não mais mediada pelo trabalho.

Quanto à percepção dos próprios aposentados acerca da sua vivência da aposentadoria, evidenciou-se que, de modo geral, os aposentados possuem uma visão congruente a dos trabalhadores ativos no mercado de trabalho, de modo a atribuírem de forma mais significativa, uma conotação financeira para a aposentadoria, na qual a mesma é entendida enquanto renda *“é boa, eu ganho um dinheiro, já serve”*, além disso, eles abordam a questão do salário ser pouco e da diminuição nos rendimentos após a aposentadoria: *“muito pouco, salário mínimo, despesa alta”, “aposentado por salário mínimo, não dá para comprar as coisas, salário pouco”*.

Os aposentados também apontaram aspectos relativos tanto a uma visão positiva quanto a uma visão negativa acerca desse momento da vida. Sendo assim, a visão positiva, diz respeito a esse momento ser percebido como bom e alegre, permeado pelo sossego, paz e tranquilidade que, como bem pontua Rodrigues (2000, citado por França et al., 2013) remete a um desengajamento

profissional e a abertura pra novas oportunidades e realizações, promovendo um reorganização tanto nas relações interpessoais (familiares e comunitárias, em especial) quanto do próprio tempo, delineando-se o envolvimento em outras atividades.

Quanto à visão negativa, os aposentados apontaram que essa vivência é ruim e se caracteriza como a pior fase da vida, em virtude do 1) aumento das despesas que, por sua vez pode estar atrelado ao próprio processo de envelhecer que demanda um maior consumo de serviços de saúde como, por exemplo, mais cuidados médicos, exames, medicamentos de uso prolongado, consultas e internações com mais frequência (Lima-Costa & Veras, 2003); do 2) desejo de continuar trabalhando, em relação a isso, França e outros (2013) apontam que o próprio trabalhador, pode ter o desejo de continuar trabalhando, apesar da idade avançada, desde que tenha condições de saúde para continuar exercendo a atividade; da 3) perda de direitos referente a redução do salário ao aposentar-se, perda de ticket alimentação, perda de acesso a plano de saúde, dentre outros.

Já no que tange a representação do trabalho para os aposentados, pode-se notar que o mesmo era visto, na época em que os respondentes se encontravam

inseridos no mercado de trabalho, predominantemente, de maneira positiva “*eu gostava de trabalhar, principalmente, na minha profissão*” e representando tudo na vida da pessoa, além de também ser tido como digno e terapêutico “*pra mim era ótimo porque eu gostava de trabalhar nessa área, mas infelizmente eu dei essa doença*”. Somado a isto, o trabalho também foi representado a partir de um ponto de vista financeiro, especialmente, com relação ao sustento – “*o trabalho é digno porque me sustentava e sustentava minha família*”.

Tais aspectos atrelados ao trabalho expressam o valor econômico (subsistência) e cultural (simbólico) do mesmo, de modo a se constituir enquanto elemento mediador de integração social e, assim, repercutir na construção da subjetividade e identidade, no modo de vida, no autoconceito, na autoestima e na saúde, tanto física quanto mental do trabalhador (Miranda, Carvalho, Fernandes, Silva & Sabino, 2009; Zanelli & Silva, 2012; Bendassolli, 2011; Natividade & Coutinho, 2012).

Diante disso, percebe-se que a aposentadoria também é influenciada pelas condições físicas e mentais do indivíduo, bem como da percepção do sujeito e da própria sociedade sobre o Envelhecimento, sendo assim, observa-se que a

representação social acerca do envelhecimento influencia a percepção das pessoas com relação a si e ao “estar aposentado”, pois, como bem pontua Vala (2004), as Representações Sociais contribuem para os processos formadores e de orientação tanto das comunicações como dos comportamentos, além de dar forma às relações interpessoais construídas na sociedade.

No que tange as mudanças ocasionadas com a aposentadoria, observa-se que em sua maioria, essas mudanças foram tidas como positivas, de modo a englobar aspectos como aumento da renda “*mudou, aumentou um pouco a renda*”, bem como a possibilidade de usar seu tempo para cuidar da casa e da família “*sim, porque eu posso comprar uma coisa no comércio, porque para quem trabalha de autônomo é complicado*”. Já as mudanças negativas, foram referentes à diminuição da renda e a acomodação “*trouxe para pior, porque a gente se acomoda, eu ‘tô’ impedido de fazer outras coisas*”. Sendo assim, ao se pensar os impactos da aposentadoria na qualidade de vida das pessoas, pontua-se que de acordo com Minayo, Hartz e Buss (citado por Pimenta, Simil, Torres, Amaral, Rezende e Coelho, 2008), essa tão buscada qualidade de vida engloba várias questões, dentre as quais, ressalta-se desde os modos de vida e

as condições de saúde até o desenvolvimento sustentável e a própria cidadania de modo a envolver os direitos humanos e sociais.

Neste cenário as mudanças positivas oriundas da aposentadoria refletem, além de uma melhora da condição financeira, um novo modo de estar no mundo, pois, evidencia uma nova forma para utilizar o tempo e um novo modo, através do qual, os aposentados passaram a se relacionar com as pessoas, em especial, a família; ao passo que as mudanças negativas apresentam uma perda financeira e um jeito prejudicial de se relacionar com esse tempo, antes ocupado pelo trabalho, trazendo à tona uma percepção negativa sobre o próprio envelhecer, de modo a envolver questões como a inatividade, improdutividade e inutilidade.

Além disso, evidencia-se a necessidade de ampliar o olhar para o envelhecimento e a aposentadoria, pois, como bem pontuam alguns entrevistados *“sempre eu ‘tô’ doente, problemas de diabetes, pressão alta”*; *“bom demais, porque eu tenho saúde e paz de espírito”*; *“é um momento bom, é a melhor idade, você vê a vida por um prisma diferente, as experiências, você não é obrigado a votar”*, percebe-se que a própria vivência da aposentadoria é

perpassada por atravessamentos de diversas ordens, como condições econômicas, biológicas, sociais, culturais, comunitárias, familiares, interpessoais e ideológicas, já que, a própria qualidade de vida é atravessada por essas questões. Diante disso, pode-se questionar: até que ponto as condições socioambientais referentes à localidade de moradia do aposentado favorece a inserção social? A comunidade possui grupos de idosos que favoreçam a construção de vínculos sociais (relacionamentos interpessoais e apoio social)?

De modo geral, essas questões e tantas outras mais, ajudam a compreender como o ser-humano vivencia a aposentadoria e o processo de envelhecimento, demonstrando a necessidade se voltar o olhar para áreas como ocupação, finanças, moradia, saúde, relações sociais e afetivas bem como aspectos jurídicos relacionados a aposentadoria, com o intuito de preparar o sujeito para a ruptura com o mercado de trabalho (Murta e outros, 2014).

### **Considerações Finais**

Mediante o objetivo da pesquisa de conhecer a Representação Social acerca da aposentadoria para trabalhadores ativos e aposentados da cidade de Parnaíba-PI bem

como o modo, através do qual, os aposentados percebem o trabalho, o envelhecimento e o seu atual momento da vida (a vivência da condição de aposentado e do processo de envelhecer), pôde-se perceber que, a partir do discurso dos respondentes, a Representação Social da aposentadoria se apresenta de forma congruente tanto para as pessoas ainda inseridas no mercado de trabalho como para os aposentados, estando a mesma vinculada a um aspecto econômico, de modo a ser tida enquanto sinônimo de renda/salário.

Além disso, destaca-se que a visão positiva acerca da aposentadoria se sobressai com relação à visão negativa, sendo percebida como um momento de descanso, alegria e repouso, o que por sua vez, pode-se inferir haver relação com próprio vínculo criado com o trabalho antes exercido, que poderia não estar trazendo satisfação, seja ela profissional ou mesmo pessoal. Entretanto, notou-se que, de modo geral, o trabalho é percebido de forma positiva e como indispensável ao indivíduo, além do aspecto financeiro, desse modo, evidencia-se a centralidade do trabalho, pois além de possibilitar o sustento, também possibilita a realização e a satisfação, além de ser algo bem quisto na sociedade, de modo a dizer sobre o indivíduo na sociedade bem como seu

lugar nela, envolvendo a questão do *status social*, reconhecimento social e do sentimento de produtividade e, também, servindo como um mediador das relações sociais.

Também foi possível evidenciar que, apesar dessa representação positiva do trabalho a maioria dos aposentados apontou não possuir mais condições de exercer a atividade laboral, especialmente, em virtude de problemas de saúde que, por sua vez, dizem respeito ao envelhecimento sob uma perspectiva biologicista de declínio físico concernentes tanto ao envelhecimento primário quanto secundário, de modo a evidenciar as consequências do envelhecimento para o trabalho.

Entretanto, ressalta-se que a presente pesquisa buscou uma compreensão mais ampla acerca do envelhecimento e, em face disso, procurou-se entender como os aposentados estão significando esse momento atual de suas vidas, tanto com relação ao estar aposentado quanto ao próprio envelhecimento, pois, estas questões afetam a situação financeira do indivíduo, seu estado emocional, sua relação com o tempo e a maneira como este se relaciona com a família e os amigos.

Diante disso, observou-se que, de modo geral, os indivíduos estão satisfeitos

com esse atual momento da vida, uma vez que, estão se relacionando bem com o tempo, apontando a existência de uma rede de apoio, em especial, o convívio familiar e que, apesar, do salário da aposentadoria ser tido como pouco/baixo, o mesmo está conseguindo suprir as necessidades dos

aposentados, entretanto, quando tido como algo negativo, envolve questões com relação ao rompimento com o mercado de trabalho e processos de adoecimento, tidos pelos respondentes como oriundos do processo de envelhecimento

### Referências

- Baiocchi, A. C. & Magalhães, M. (2004). Relações entre processos de comprometimento, entrincheiramento e motivação vital em carreiras profissionais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5 (1), pp.63-69.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70. São Paulo.
- Bendassolli, P. F. (2011). Crítica às Apropriações psicológicas do Trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 23 (1), pp.75-84. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000100009>
- Coutinho, M. C., Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: Repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*. 9º (edição especial 1), pp.29-37.
- Estatuto do Idoso, (2010). 5º ed. Brasília: *Edições Câmara*.
- França, L. H. F. P., Menezes, G. S., Bendassolli, P. F. & Macedo, L. S. S. (2013). Aposentar-se ou continuar trabalhando? O que influencia essa decisão? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33 (3), pp.548-563. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000300004>
- Freitas, M. C. & Ferreira, M. A. (2013). Velhice e pessoa idosa: representações sociais de adolescentes escolares. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 21 (3), pp.01-08.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6º ed. São Paulo: Atlas S.A.
- Kubo, S. H. & Gouvêa, M. A. (2012). Análise de fatores associados ao significado do trabalho. *R. Adm.*, 47 (4), pp.540-554.

- Lima-Costa, M. F. & Veras, R. (2003). Saúde pública e envelhecimento. *Caderno Saúde Pública*. 19 (3), pp.700-701. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300001>
- Merlo, Á. R. C. & Lapis, N. L. (2007). A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: Reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), pp.61-68. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100009>
- Miranda, F. A. N., Carvalho, G. R. P., Fernandes, R. L., Silva, M. B. & Sabino, M. G. G. (2009). Saúde mental, trabalho e aposentadoria: focalizando a alienação mental. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62 (5), pp.711-716. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000500010>
- Moscovici, S. (2009). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Murta, S. G., Abreu, S., França, C. L., Pedralho, M., Seild, J., Lira, N. P. M., Carvalhedo, R.K. M., Conceição, A. C. & Gunther, I. A. (2014). Preparação para a aposentadoria: implantação e avaliação do programa Viva Mais! *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (1), pp.1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722014000100001>
- Natividade, M. R. & Coutinho, M. C. (2012). O trabalho na sociedade contemporânea: Os sentidos atribuídos pelas crianças. *Psicologia & Sociedade*, 24 (2), pp.430-439. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200021>
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. 8º ed. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Pimenta, F. A., Simil, F. F., Torres, H. O. G., Amaral, Rezende, C. F., Coelho, T. O. & Rezende, N. A. (2008). Avaliação da qualidade de vida de aposentados com a utilização do questionário SF-36. *Revista Associação Medicina Brasileira*, 54 (1), pp. 55-60. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302008000100021>
- Ramos, A.G.(2009).*Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho*. Brasília: Conselho Federal de Administração.
- Ribeiro, C. V. S. & Léda, D. B. (2004) O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*, 4(2).



Severiano, M. F. V. (2001). *Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume.

Siqueira, R. L., Botelho, M. I. V. & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: Algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7 (4), pp.899-906. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400021>

Teixeira, I. N. D. O. & Guariento, M. E. (2010). Biologia do envelhecimento: teorias, mecanismos e perspectivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (6), pp.2845-2857. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000600022>

Vala, J. (2004). *Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano*. Em Vala, J. & Monteiro, M. B. *Psicologia Social*. Lisboa.

Zanelli, J. C. & Silva, N. (2012). *Interação humana e gestão: A construção psicossocial das organizações de trabalho*. 3º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

#### Os autores:

**Jéssyca de Lacerda Araújo** é Psicóloga pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise Psicossocial do Trabalho e das Organizações da Universidade Federal do Piauí. E.mail: [jessyca\\_lacerda@hotmail.com](mailto:jessyca_lacerda@hotmail.com)

**Raquel Pereira Belo** possui Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco com formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho; Mestrado e Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. É professora Adjunta 3 na Universidade Federal do Piauí nas áreas de Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social. E.mail: [rbelo@ufpi.edu.br](mailto:rbelo@ufpi.edu.br)

**José Walter Rego Resende** é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí, Paraníba - PI, Brasil. Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina-PE, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise Psicossocial do Trabalho e das Organizações da Universidade Federal do Piauí. Colaborador junto ao Grupo de Estudos e de Pesquisa em Intervenção Cognitivo-Comportamental e Saúde Mental da Universidade Federal do Piauí. E.mail: [josewalterresende@hotmail.com](mailto:josewalterresende@hotmail.com)

**Recebido em:** 16/10/2015

**Encaminhado para ajuste:** 13/12/2015

**Aprovado:** 30/02/2016